

O Museu Nacional da Escola de Florença (1929-1941)

Juri Meda¹
Lucia Paciaroni²

DOI: 10.26512/museologia.v8i16.25999

57

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Resumo

A presente contribuição propõe-se a reconstruir a história do primeiro museu da escola italiana, o Museo Nazionale di Firenze (Museu Nacional de Florença), fundado em 1937 por Giovanni Calò dentro do edifício que abrigou a Faculdade de Ciências Políticas e Sociais, na rua Laura, e, em 1941, foi transferido para o prestigiado Palácio Gerini, sede do Centro Didático Nacional. O museu teve uma criação conturbada. Seu primeiro núcleo, de fato, foi constituído pelo Museo Didattico Nazionale (Museu Didático Nacional), fundado por Calò em 1929, com o objetivo de recolher o material recebido das escolas e instituições de ensino de todo o país e exibido, entre março e abril de 1925, nos pavilhões da grande Exposição Nacional Didática de Florença. A gênese deste museu é interessante, pois foi inspirada inicialmente no modelo do museu pedagógico do final do século XIX, caracterizado como um local para a coleta de material didático produzido em escolas de todos os níveis e como laboratório para a formação e a atualização dos professores, e posteriormente, transformou-se em um museu da escola. Seu objetivo era contar a história da escola e das instituições educativas, desde os tempos antigos até a contemporaneidade. Continham um centro de documentação e uma biblioteca especializada anexos, os quais herdaram e incrementaram as funções de formação e atualização dos professores.

Palavras-chave:

História da educação. História da escola. Museus Pedagógicos. Patrimônio histórico-educativo.

Resumé

Cette contribution vise à reconstruire l'histoire du premier véritable musée de l'école italienne, le Museo Nazionale di Firenze (Musée National de Florence), fondé en 1937 par Giovanni Calò dans le bâtiment abritant la Faculté des sciences politiques et sociales, à Laura Street, et en 1941 a été transféré au prestigieux Palais Gerini, siège du Centre national de la didactique. Le musée avait une création troublée. En fait, son premier noyau a été constitué par le Museo Didattico Nazionale (Musée National de la Didactique), fondé par Calò en 1929, dans le but de rassembler du matériel reçu d'écoles et d'établissements d'enseignement de tout le pays et exposé de mars à avril. 1925, dans les pavillons de la grande exposition nationale de didactique de Florence. La genèse de ce musée est intéressante car il s'inspirait initialement du modèle du musée pédagogique de la fin du XIXe siècle, caractérisé comme un lieu de collecte de matériel didactique produit dans les écoles de tous les niveaux et un laboratoire de formation et de perfectionnement des enseignants. et plus tard, il est devenu un musée d'école. Son but était de raconter l'histoire de l'école et des établissements d'enseignement, des temps anciens aux temps contemporains. Ils contenaient un centre de documentation attaché et une bibliothèque spécialisée, qui héritent et améliorent les fonctions de formation et de mise à jour des enseignants.

Mots-clés:

Histoire de l'éducation. Histoire de l'école. Musées Pédagogiques. Patrimoine éducatif.

1 Doutor Professor de História da Educação - Università degli Studi di Macerata, Dipartimento di Scienze della Formazione dei Beni Culturali e del Turismo, Italia.

2 Doutoranda de História da Educação - Università degli Studi di Macerata, Dipartimento di Scienze della Formazione dei Beni Culturali e del Turismo, Italia. Juri Meda escreveu o segundo item deste artigo, enquanto Lucia Paciaroni escreveu o terceiro item. A introdução (seção I) é o resultado do trabalho conjunto dos dois autores.

I. Introdução

Em 5 de março de 1925, foi inaugurada em Florença a Mostra Didática Nacional, a qual permaneceu oficialmente aberta até o dia 19 de abril. A mostra - organizada por um comitê promotor presidido pelo pedagogo Giovanni Calò, professor titular de Pedagogia na *Università di Firenze* (Petrini, 1971; Chiosso, 1984-1985; Scaglia, 2013) - propôs documentar o nível alcançado pelo sistema escolar italiano em meados da década de 1920, apresentando as melhores práticas educativas produzidas nos diversos contextos escolares e indicando-as aos professores como modelos para inspirarem-se no contexto de sua atividade educativa. A mostra (Meda, 2010) foi um sucesso extraordinário e foi visitada por algumas milhares de pessoas, a maioria professores, provenientes de toda a Itália. No encerramento oficial da exposição, Calò fez um discurso importante, no qual lançou as bases para a criação de um museu didático que recolhesse - como já era esperado também pelo *Ministro della Pubblica Istruzione* Pietro Fedele durante a inauguração (a inauguração da *Mostra didattica nazionale*, 1925: 310) - o material proveniente de todas as partes da Itália e fez dele uma exposição permanente:

Deverá surgir em Florença [...] um museu didático nacional segundo a ideia que o ministro, em seu discurso inaugural da exposição, teve a bondade de acolher e proclamar, fortalecendo sua autoridade. Os estados mais avançados da Europa o têm: a Itália deve tê-lo, que deu duas vezes a escola à Europa, primeiro com o humanismo, depois com Galileu, o que significa realismo, método científico, experiência. E deve tê-lo em Florença, onde primeiro o humanismo, a experiência e o método científico, floresceram [...]. Aqui, o museu didático recolhe o máximo possível de material que ilustra o passado da escola italiana, desde a Idade Média até nós, e quanto desta exposição merece permanecer como um documento dos métodos, do progresso, da vida de hoje da escola, quanto, finalmente, sinais no futuro de desenvolvimentos, conquistas, inovações, formas particulares e condições nas quais seu trabalho é realizado (Calò, 3 de maio de 1925, p. 407).

2. O Museu Didático Nacional (1929-1937)

Na espera que as autoridades da cidade indicassem a localização definitiva do edifício do museu, uma vez que a mostra foi fechada, Calò trabalhou imediatamente para encontrar as instalações para guardar temporariamente o material recolhido, “infelizmente apenas uma pequena parte do material exposto na mostra”, isto é, aquilo que “foi possível prontamente escolher e reter depois de ter removido a atribuição da relutância dos expositores” (Calò, 1933, p. 484).

A administração municipal de Florença, inicialmente, disponibilizou dois grandes salões no andar térreo das chamadas *ex-Scuderie Reali* (para o *museo didattico nazionale*, 3 de maio de 1925, p. 412), mas após algumas dificuldades – de interesse do Reitor Enrico Burci (1926-1930) - o museu foi anexado à *Università di Firenze* e, apropriadamente, juntou-se ao departamento de pedagogia ligado à cadeira desta matéria para a preparação de professores médios (*Estratto del verbale dell'adunanza della Facoltà di Lettere e Filosofia del 14 dicembre 1926, ASUF*,

fascicolo 128/1927 “*Museo didattico nazionale*”).

O conhecido pedagogo Giuseppe Lombardo Radice³ expressou imediatamente seu próprio aplauso pela anunciada abertura de um *Museo Didattico Nazionale* em Florença, em um artigo publicado na revista “*Educazione Nazionale*”, que ele mesmo dirigiu. Entre outras coisas, lê-se:

Vemos, com grande prazer, que nossa idéia de não dispersar o rico material trazido a Florença para a mostra didática e de equipar Florença com um museu didático, do qual esse material pode constituir o primeiro núcleo, foi aceita (Lombardo Radice 1925, p. 52).

A fim de acelerar os tempos - temendo a dispersão do material - Calò promoveu a constituição de um Conselho administrativo interino do *Museo Didattico Nazionale* (na direção foi colocado Ermenegildo Pistelli⁴) e abordou os municípios e os institutos escolares que receberam um convite à mostra para que

contribuam com parte do material já exposto na Mostra ou com material novo, anuários, monografias, reportagens, estatísticas, gráficos, publicações pedagógicas e didáticas, mobiliário padrão da escola e novas ferramentas didáticas, fotografias, desenhos, modelos, obras de alunos que têm o mérito de uma verdadeira documentação, memorabilia e documentos de quaisquer tipo. (Da Mostra ao *Museo Didattico Nazionale*, 28 de junho de 1925, p. 536).

Em setembro de 1925, poucos meses após o término da mostra, Calò publicou um longo artigo na revista “*I diritti della scuola*”, na qual defendia apaixonadamente a causa do *Museo Didattico Nazionale*, partindo de uma análise efetiva da necessidade em nível nacional e concluindo com um detalhado elenco das tarefas que deveriam ter sido confiadas à instituição estabelecida. Segundo Calò, as razões que tornam impossível a abertura de um *Museo Didattico Nazionale* são as seguintes:

Foram precisamente as grandes exposições que deram origem, por regra, aos primeiros museus importantes, incluindo os didáticos; e por razões óbvias. Na Europa, nasceram as duas primeiras grandes instituições do gênero, [...] a de Stuttgart (a *Lehrmittelsammlung der Königlich Württembergischen Zentralstelle für Gewerbe und Handel*, 1851) e a de Londres (a Seção Educacional do *South Kensington Museum*, 1857), precisamente por causa do impulso que veio da Exposição de Londres de 1851. E assim - para não mencionar outros exemplos - foi a partir da Exposição Internacional de Paris de 1867 que o primeiro projeto foi lançado e a primeira proposta, devido

3 Giuseppe Lombardo-Radice (1879-1938) foi um dos mais importantes expoentes do idealismo pedagógico italiano e precursor do ativismo. Entre os colaboradores mais próximos de Giovanni Gentile, ao seu lado durante a experiência ministerial com o cargo de Diretor Geral das escolas de ensino elementares, ele gradualmente desligou-se do professor por causa de sua convivência com o regime fascista a partir de 1924.

4 Ermenegildo Pistelli (1862-1927), padre escolápio e professor nas escolas florentinas superiores, colaborou ativamente na revista infantil “*Il Giornalino della Domenica*”, fundada pelo famoso escritor Luigi Bertelli em 1906 e impressa até 1924.

a [Pierre-Philibert] Pompée, de um museu pedagógico nacional na França, e foi por ocasião da Exposição Internacional de 1878 que a idéia foi retomada, sob o Ministro [Agénor] Bardoux, e implementada, especialmente por [Ferdinand] Buisson, até que a fundação do Museu fosse definitivamente sancionada pelo decreto do ministro [Jules] Ferry de 13 de maio de 1879. No entanto, pode-se dizer que quase todos os estados civis, maiores e menores, mais cedo ou mais tarde sentiram a necessidade para suas atividades escolares de um órgão de estudo e experiência como é o Museu Didático. Não é realmente o caso, nem mesmo aqui, de agradar a nossa condição, que é clara e não merece inferioridade. [...]. A única tentativa que foi feita entre nós - no sentido que mencionamos - foi a do ministro [Ruggero] Bonghi de 1874 [...]. Mas o Museu da instrução e da Educação desejado por Bonghi, e localizado em algumas salas do Collegio Romano, e cujo diretor era um homem como Antonio Labriola, foi posteriormente suprimido pelo ministro [Guido] Baccelli e seu material sofreu várias vicissitudes e foi quase disperso, até que alguma parte sobrevivente foi recebida no Museu didático do referido Curso anexo à *Università di Roma*⁵. Os tempos não propícios e o escasso interesse pelas questões educacionais e escolares produziram danos à empresa de Bonghi [...] mas sua ideia foi justa e frutífera. E merece hoje, em um clima histórico completamente diferente, e em um fervor muito diferente de atividade educativa, a ser retomada e levada a cabo, a todo custo, a efeito (Calò, 15 de setembro de 1925, pp. 609-610).

A Itália, portanto, como os países europeus mais avançados, não poderia deixar de ser equipada com um Museu Didático Nacional, como se segue:

É necessário garantir que um museu não seja uma coisa morta e estacionária, isto é, uma exposição permanente de objetos, por mais ricos que sejam, e uma biblioteca pedagógica, ainda que completa. Deve ser um lugar de observação e de estudo e uma forja de trabalho, uma coleção de recursos de pesquisa para aqueles que podem usá-lo e um excelente organizador de atividades voltadas para o progresso de estudos e escolas. Só assim responderá plenamente ao seu propósito e estará vivo na economia da cultura nacional. Sob o primeiro aspecto, terá que oferecer: uma coleção bastante rica, e sempre atualizada, e de modo a possibilitar as comparações instrutivas, de todo o material didático ou de mobiliário que a indústria especializada ou a engenhosidade do indivíduo está oferecendo a vida escolar; uma coleção rigorosamente selecionada de produtos de atividade escolar dos alunos, na medida do estritamente necessário para documentar os resultados de determinados métodos de ensino ou para oferecer material particularmente significativo ao estudante de pedagogia e psicologia infantil; uma biblioteca pedagógica, possivelmente completa, especialmente no que diz respeito à escola italiana e aos métodos de ensino [...]; um museu retrospectivo

5 Tratava-se do *Museo d'Istruzione e di Educazione*, fundado por Ruggero Bonghi em 1874 e suprimido por Pasquale Villari - e não Baccelli - com o Real Decreto de 11 de setembro de 1891, n. 559 (ver Laeng, 1993; Covato, 200; Sanzo, 2012).

tivo, a saber, uma coleção, do que (material didático e científico de outras épocas, figurações de todos os tipos, modelos, publicações raras, documentos, autógrafos de mestres e alunos, etc.) podem servir para a ilustração histórica da escola italiana nas várias regiões [...]. Em segundo lugar, o Museu deve [...] organizar a publicação de monografias didáticas e de história da escola e dos métodos, aproveitando também o seu material de estudo; publicar um boletim seu, destinado sobretudo a ilustrar as partes mais notáveis de suas coleções e as aquisições subseqüentes de material bibliográfico e escolar; promover conferências e convenções didáticas de professores e estudiosos; [...] constituir-se um verdadeiro laboratório de observação e experiência de ensino para professores e para alunos que vão para além da finalidade de uma visita ou de um verdadeiro e real exercício. Finalmente, deve constituir órgão permanente para a preparação seja de mostras exposições didáticas nacionais periódicas seja para a participação digna da Itália em mostras internacionais congêntas (Calò, 15 de setembro de 1925, pp. 610-611).

A descrição clara e detalhada de seu projeto de museu publicado por Calò na revista “*I diritti della scuola*” (“Os direitos da escola”) nos permite determinar a natureza de seu museu, que - como testemunha da permanente anexação a um Gabinete de Pedagogia - inspirava-se em museus pedagógicos do século XIX surgidos um pouco em toda a Itália entre 1870 e 1890 e, em seguida, suprimida pelo ministro Pasquale Villari com o Real Decreto 11 de setembro de 1891, n. 559 (Tauro, 1903), os quais não constituíam simplesmente institutos de conservação, mas, sim, centros de documentação especializados em aconselhamento pedagógico e na atualização didática de professores (Cossetto, 2002; D’Ascenzo-Vignoli, 2010; Pizzigoni, 2015).

Em julho de 1927 foi nomeado o primeiro Conselho de administração do *Museo Didattico Nazionale*, composto por Giovanni Calò, David Costantini (representante do Ministério do Exterior), Nicola Vacchelli (representante do Ministério da Instrução Pública), Giuseppe Baldasseroni (representante do Município de Florença), Enrico Burci (Reitor e representante da Universidade de Florença), Enrico Balducci e Enrico Bemporad (nomeado pelo Ministro da Instrução Pública), Mario Salvini e Giovanni Moro (membros da comissão promotor da Mostra Didática Nacional) (Carta..., 1927). Nicola Vacchelli assumiu o cargo de presidente, David Costantini o de vice-presidente e Giovanni Moro o de secretário. O Reitor Enrico Burci assegurou o seu apoio à iniciativa e disponibilizou provisoriamente três salas “bem aptas e independentes” nas instalações do Museu Etnográfico do ateneu na rua Gino Capponi (Carta do Reitor..., 1927). Posteriormente, em 1929, após as queixas contínuas de Calò e Vacchelli, Burci atribuiu ao Museu três grandes salas no andar térreo do *Palazzo della Crocetta* na rua Laura (ASUF, 1941).

No mesmo ano - além da localização definitiva - o Museu obteve outro resultado fundamental para sua consolidação com a institucionalização em uma entidade jurídica (Ente morale) sancionado pelo Decreto R. 11 de outubro de 1929 n. 1948 que, também, nomeou Giovanni Calò como diretor. Os objetivos fundamentais da entidade - como definido no estatuto - eram os de “formar uma coleção de material didático, italiano e estrangeiro, ilustrativo dos meios mais adequados que a técnica moderna oferece aos vários ensinamentos [...] e coletar produtos de atividades escolares de crianças, e, geralmente, documentos

da vida da escola italiana, como para dar uma noção suficiente dos resultados da aplicação de certos métodos ou das condições e progressos da escola pública e privada na Itália “(*Lo statuto...*, 1930, p. 7). Além disso, propôs estabelecer uma biblioteca pedagógica especializada, organizar cursos e conferências, promover estudos e publicações e montar mostras, bem como “coletar, em uma seção especial, textos, documentos, memorabilia, autógrafos, material iconográfico e didático, que servem para ilustrar a história, os métodos, o costume da escola italiana no passado” (*Lo statuto...*, 1930, p. 7).

Para complementar este rico programa de atividades, aproveitando a oportunidade da publicação da primeira edição do órgão oficial do Museu Didático Nacional, “*Vita Scolastica*” (Vida Escolar), Calò reiterou, de uma vez por todas, a forma como concebeu o museu, para testemunho de como desde suas origens este instituto sempre viveu uma autêntica vocação para a pesquisa científica:

A que serve, primeiro de tudo, um museu? A pergunta é óbvia e comum. Frequente e fácil, também, para responder: “A nada!”. Mas, as respostas mais fáceis e mais frequentes são, também, muitas vezes, precisamente porque são assim, as menos meditadas e as menos conclusivas. O fato é que os museus multiplicam-se, apesar do ceticismo e do não raro escárnio daqueles que na vida só veem o momento criativo, o aspecto dinâmico, o impulso inesgotável e irrefreável para a ação, e nem mesmo o momento contemplativo, o da observação e da meditação, e, se vocês quiserem, até de trégua e descanso. Agora, se o interesse em museus e coleções de todos os tipos espalha-se e se torna cada vez mais importante, há uma razão: é, por um lado, o agudo senso histórico, por outro, a enorme e crescente complicação de atividades humanas e dos conhecimentos relativos, fazem sentir sempre mais vivos a necessidade por visões panorâmicas, excursões de orientação, informação intuitiva, e até mesmo episódico. E, por falar nisso, quem disse que um museu deve ser apenas e necessariamente uma coleção morta de coisas desatualizadas, um cemitério de memórias? Por que não pode constituir uma oficina, um campo de observações, um corpo de pesquisa e estudos? Por que não pode tornar seu material uma ferramenta de investigação científica, um meio de propaganda prática ou disseminação de cultura? O Museu não exclui o Laboratório, os verdadeiros Museus são, de fato, dos Laboratórios (Calò, 1929, pp. 4-6).

Neste ponto, o museu começou a operar a toda velocidade, realizando concretamente as atividades que até aquele momento - devido à falta de um reconhecimento institucional e de uma dotação financeira adequada - eram simplesmente desejados por seu fundador (Calò, 1934).

Com a morte do General Vacchelli, ocorrida em 1932, foram nomeados, presidente o Senador Guido Visconti di Modrone, e o Vice-Presidente Piero Parini, Diretor Geral dos Italianos no Exterior no Ministério dos Negócios do Exterior, Calò, mais uma vez, ocupou o cargo de diretor.

Em 1935, o Museu - que sobreviveu com dificuldade graças às contribuições anuais concedidas pela Universidade de Florença e pelo Município de Florença - candidatou-se a um dos prêmios de incentivo para instituições culturais meritórias disponibilizadas pela Real Academia da Itália, destacando como foi

“preencher uma lacuna que há muito se deplorara, como a Itália era, até poucos anos atrás, o único país civilizado, e não apenas entre os principais, desprovido de uma instituição tão indispensável” (Carta do Reitor ..., 1935). No entanto, um apoio financeiro, muito mais substancial para as atividades do museu, logo viria através de outros caminhos. Em 6 de dezembro de 1936, o Ministro da Educação Nacional, Giuseppe Bottai, visitando Florença, quis visitar o Museu (Calò, 1936). A este respeito, Calò escreveu a Giovanni Gentile nos dias sucessivos:

Ele ficou muito satisfeito com a visita e, finalmente, prometeu que faria tudo para financiar a instituição de maneira mais adequada e garantir uma estrutura mais estável, além de um local que melhor atendesse às necessidades de seu desenvolvimento. O destino do museu é algo muito diferente e superior à minha pessoa. E tenho que julgar, pelo que ele fez, acreditar que na conduta e nas decisões do Ministro em relação ao Museu não podem influenciar considerações relativas à minha pessoa. No entanto, eu serei especialmente grato se você aproveitar a primeira oportunidade para avisar, genericamente, S.E. da minha posição, que nada tem a ver com meus sentimentos e atitudes, e aguarda o momento de ser modificado segundo a justiça e segundo o desejo já manifestado por mim há muito tempo (Carta de Giovanni Calò ..., 1936).

3. O Museu Nacional da Escola (1937-1941)

O Ministro Bottai - considerando o museu funcional para um projeto mais amplo que ele estava trabalhando naqueles mesmos anos⁶ - na verdade manteve sua palavra dada em 6 de dezembro de 1936. O Régio Decreto de 26 de agosto de 1937, N^o 1570 sancionou o nascimento do Museu Nacional da Escola, que substituiu formalmente aquele criado por Calò. Como Presidente foi nomeado Saverio Fera⁷, enquanto Calò ocupou o cargo de diretor até 1938, quando o seguidor de Bottai Nazareno Padellaro⁸ assumiu (Meda, 2013, pp. 266-267), assistido por Piero Bargellini, que mais tarde tornou-se um histórico prefeito de Florença (*Museo Nazionale della Scuola*, 1938, p. 300). O novo museu propôs-se a recolher todas as formas de documentação relacionadas com as condições e equipamento do edifício das várias ordens escolares, recolher o trabalho e as tarefas dos alunos, bem como o material didático exemplar, os manuais escolares, a literatura infantil, a imprensa periódica para a infância e os documentos relacionados à história da educação através dos séculos. Nas intenções dos promotores, deveria ter sido “o lugar de reunir, de atualizar, de alimento cotidiano da consciência educacional dos professores italianos, o centro onde os vários experimentos novos, as diversas iniciativas, as reformas

6 A reforma escolar do Ministro Bottai (conhecida como “Carta da Escola”, que permaneceu, de fato, não realizada, visava solapar definitivamente o modelo de escola elitista do sistema humanista introduzido por Giovanni Gentile em 1923 através do estabelecimento da escola única e do fortalecimento das escolas técnicas e profissionais (Gentili, 1979; Charnitzky, 1994, pp. 440-483).

7 Saverio Fera (1890-?), advogado, foi assessor jurídico de longa data do Fascio di Combattimento em Florença, absolvendo numerosos esquadrões florentinos durante os julgamentos entre 1921 e 1922; afiliado à maçonaria, ele foi deputado à Câmara por quatro mandatos de 24 de maio de 1924 a 2 de fevereiro de 1943.

8 Nazareno Padellaro (1892-1981), homem de escola e pedagogo, foi um dos colaboradores mais próximos de Bottai na elaboração da Carta Escolar, diretor geral do Ministério da Educação Nacional, fundou e dirigiu as revistas “*Primato Educativo*” (1934- 1939) e “*Tempo di scuola*” (1939-1943).

encontrarão os seus registros e sua documentação precisa e concreta” (*Museo Nazionale della Scuola*, 1938, p. 300).

A passagem entre Calò e Padellaro, ligada ao ministro Giuseppe Bottai, não deveria ser indolor se, mesmo em 1940, o velho diretor começou uma dura controvérsia com o inspetor da escola Luigi Benedetto, devido a um artigo publicado no final de 1939 na revista “Tempo di scuola” (“Tempo de Escola”), dirigido por Padellaro, no qual ele não havia dado conta da intensa atividade realizada até 1937 por Calò como diretor do Museu Didático Nacional, levando a pensar que - na maneira em que foi concebido anteriormente - o museu era um lugar de “conservação improdutiva” (Benedetto, 1939: 62-66; Calò, 1940, pp. 133-134; Benedetto, 1940: 160). Não será uma coincidência que apenas algumas semanas após esta controvérsia, o Decreto Ministerial de 12 de fevereiro de 1940 nomeou um membro do novo Conselho de Administração do Museu - juntamente com Fera, Padellaro, Bargellini, o Prefeito Paolo Veronesi Pesciolini e o Reitor Arrigo Serpieri - Arturo Nadini representando a associação fascista da escola e Luigi Benedetto.

A nomeação de Padellaro, no entanto, rendeu imediatamente seus frutos, garantindo ao museu a atribuição de um nova prestigiosa sede: o *Palazzo Gerini*. O edifício histórico - que ficava na Praça de *Ciampi*, no bairro popular da *Santa Croce*, que havia sofrido uma considerável intervenção de reabilitação durante o período fascista (Fagnoni, 1936; Palla, 1978; Fantozzi Micali, 1992, pp. 69-ff., Orefice, 1992, pp. 67-ff.) - foi visitado pelo Ministro Bottai em 1939, acompanhado pelo presidente Fera e pelo diretor Padellaro (*La nuova sede del Museo Nazionale della Scuola*, 1939, p. 9). A propósito da nova sede, lê-se em um artigo de 1940:

Este edifício, que o ministro Bottai obteve do município, foi restituído pelo arquiteto Ezio Zalaffi ao seu primitivo esplendor. Fachadas, pátios, arcadas, corredores, escadarias, tetos de vários estilos, do século XV ao XVIII, foram harmoniosamente restaurados. A fachada traseira, com vista para a Rua Borgo Allegri, foi renovada por Zalaffi no estilo do Renascimento Florentino. Mas não é tudo no Palazzo Gerini a sede do Museu. Junto haverá outro conectado a ele, que incluirá uma série de grandes salas que se desdobram em três andares, em torno de um núcleo central destinado a reuniões, bem como uma pequena biblioteca para cada andar e uma maior na área central. No segundo andar, um grande terraço permitirá a construção temporária e experimental de escolas ao ar livre (Fera, 1940, pp. 71-76).

Na realidade, a nova ala do edifício - em rigoroso estilo fascista - nunca foi construída por causa da guerra. O edifício medieval histórico, no entanto, propriedade da Prefeitura de Florença desde a segunda metade do século XIX, foi restaurado pelo arquiteto Ezio Zalaffi, então chefe do Escritório Municipal de Belas Artes, que, entre outras coisas, redesenhou a nova fachada renascentista na frente oriental. O renomado arquiteto Giovanni Michelucci foi encarregado do projeto arquitetônico do interior, que ele criou em colaboração com Leonardo Ricci e Giuseppe Gori, que fez todos os móveis (Liscia Bemporad, 1999, pp. 74-78 e 114 passim.).

O novo museu foi dividido em várias salas, organizadas em três seções distintas: a seção dedicada à história da escola, no andar térreo; o dedicado à

escola secundária e à educação técnica, no centro da reforma escolar de Bottai (De Angelis, 2011, pp. 21-25), no primeiro andar; o dedicado à escola materna e escola primária, no segundo andar. As salas eram assim dispostas: no andar térreo, foram colocadas a Sala Etrusca, a Sala Romana, o Salão Medieval, a Sala Renascentista, a Sala do Século XVII, a Sala do Século XVIII, na Sala Pedagógica e a Sala do século XIX; no primeiro andar, a Sala de Educação Clássica, a Sala das Escolas do magistério profissional para as mulheres, a Sala de instrução técnica, a Sala dos institutos técnicos industriais, a Sala dos institutos náuticos, a Sala dos institutos agrícolas, a Sala das escolas comerciais e Sala dos institutos técnicos para agrimensores; no segundo andar, a Sala da escola materna, a Sala da escola elementar, a Sala de revistas e a sala de trabalhos manuais (Gozzer, 1951, pp. 339-400).

A articulação do novo *layout* do museu revelou o distanciamento progressivo do modelo do museu pedagógico de estilo positivista para o qual Calò foi inicialmente inspirado e recuperou a ideia inicial de um “museu retrospectivo” que poderia servir “à ilustração histórica da escola italiana” (Calò, 15 de setembro de 1925, pp. 610-611). A seção dedicada à história da escola, no primeiro andar do Palazzo Gerini, foi a consequência direta dessa lacuna, que tornou o museu florentino o primeiro museu da escola existente na Itália, o qual pretendia refazer idealmente - através das glórias educacionais do passado itálico - as principais etapas do “cânone pedagógico nacional” que o próprio Calò preparava-se para reconstruir através do monumental projeto editorial da “*Monumenta Italiae Paedagogica*”⁹, que permaneceu não realizado (Meda, 2019). A função original de formação e atualização de professores dada ao museu, por outro lado, não teria sido abandonada, mas deixada ao Centro Didático Nacional¹⁰ (CDN) - estabelecido pelo Decreto Real de 19 de julho de 1941 - ao qual o novo museu foi anexado. Nazareno Padellaro foi confirmado para a gestão, enquanto Calò conseguiu *montar novamente na sela*, obtendo o cargo de presidente.

O trabalho durou alguns meses, tanto que em outubro de 1940 o Reitor da Universidade de Florença Arrigo Serpieri enviou um telegrama de protestos ao Ministro da Educação Nacional convidando-o a “intervir vigorosamente acabando com uma espera paciente que durou muitos meses”. (Telegrama, 1940). Em 13 de agosto de 1941, o museu mudou-se permanentemente para a nova sede do Palazzo Gerini (Carta do Reitor ..., 1941), inaugurado em 28 de outubro de 1941, na presença do Ministro Bottai.

A consagração do instituto florentino em nível nacional veio com o Decreto Real de 19 de julho de 1941, com o qual o Ministro da Educação Nacional Giuseppe Bottai instituiu - além do museu, ali incorporado - o Centro Didático Nacional (CDN), cuja direção foi confirmada Nazareno Padellaro, enquanto

9 A “*Monumenta Italiae Paedagogica*” era uma imponente coleção de fontes para a história da escola italiana entre a idade medieval a idade moderna promovida entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX - seguindo o modelo da empresa de mesmo nome promovida na Alemanha por Karl Kehrbach - por algumas figuras importantes da pedagogia italiana, a fim de definir o que foi o “canone pedagógico nazionale”, ou seja, o complexo de obras educativas para o qual a comunidade pedagógica italiana reconheceu um valor exemplar, considerando-os dignos de serem transmitidos, conhecidos e estudados.

10 No projeto Bottaiano da reforma do sistema nacional de educação, o Centro Didático Nacional (CDN) deveria ter desempenhado um papel de primordial importância, coordenando a atividade de dez outros centros didáticos, estabelecidos em todo o território nacional com a Lei de 30 de novembro de 1942, n. 1545 e relativas às diferentes ordens e graus escolares. Pelo decreto interministerial em 25 de janeiro de 1943, o instituto assumiu oficialmente a denominação Centro Didático Nacional, ao qual foi designado uma dupla finalidade: I) documentar figuras e eventos da tradição educacional italiana; II) constituir o centro de irradiação para a renovação didática da escola italiana.

Calò foi nomeado presidente.

O substancial financiamento concedido para a construção do novo local do museu e o extremo cuidado com que a restauração, decoração de seus locais - em particular modo onde leva-se em consideração o fato que tudo isso aconteceu em tempo de guerra, em uma época em que todos os museus florentinos estavam sujeitos a condições precárias e inevitáveis, indubitavelmente indicavam o alto interesse do regime por essa instituição, projetada para tornar-se uma poderosa “máquina pedagógica”. Como de fato Caterina Leoni notou, o museu florentino foi - como já observamos - “o caminho histórico da Escola, mas também uma ilustração vívida da reforma de Bottai, demonstração de seus resultados através da apresentação de trabalhos manuais realizados em escolas de todos os níveis; o Museu nacional da escola, portanto, deveria ter colaborado, junto com o rádio e os noticiários, à luta do regime contra a desvalorização e o desprezo às atividades técnicas, resíduo de uma mentalidade pequeno-burguesa que a Carta Escolar se opunha, afirmando a vontade de usar o trabalho para incluir as atividades culturais nas concretas atividades das pessoas” (Leoni, 2001-2002, pp. 110-113). A mentalidade de que - como tivemos ocasião de enfatizar - estava imbuída da reforma Gentile, a qual - no momento de crise máxima da idolatria cientificista própria do positivismo - atribuíra ao ensino médio a função de escola das elites, destinada à formação de futuras classes dirigentes, relegando a formação técnica e profissional para o segundo lugar, recuperadas da perspectiva de um processo mais incisivo de padronização cultural - preparatório para a homologação ideológica - por Bottai.

Referências

- Dalla Mostra al Museo didattico nazionale. *I Diritti della Scuola*. Roma: I Diritti della Scuola, fascículo 34, p. 536, 28 giugno 1925.
- L'inaugurazione della Mostra didattica nazionale. *I Diritti della Scuola*. Roma: I Diritti della Scuola, fascículo 20, p. 309-310, 15 marzo 1925.
- La nuova sede del Museo nazionale della scuola. *I Diritti della Scuola*. Roma: I Diritti della Scuola, fascículo 1, p. 9, 12 ottobre 1939.
- Lo statuto del Museo Didattico Nazionale. *Vita scolastica*. Firenze: Museo Didattico Nazionale, fascículo 3 p. 7, 31 gennaio 1930.
- Museo nazionale della scuola. *I Diritti della Scuola*. Roma: I Diritti della Scuola, fascículo 19, p. 300, 27 febbraio 1938.
- Per il Museo didattico nazionale. *I Diritti della Scuola*. Roma: I Diritti della Scuola, fascículo 26, p. 412, 3 maggio 1925.
- BENEDETTO, Luigi. Il Museo Nazionale della Scuola. *Tempo di scuola*, fascículo 1, p. 62-66, 1939.
- BENEDETTO, Luigi. A proposito del Museo scolastico. *I Diritti della Scuola*. Roma: I Diritti della Scuola, fascículo 11, p. 160, 30 gennaio 1940.
- CALÒ, Giovanni. Dalla Mostra di Firenze al Museo didattico nazionale. *I Diritti della Scuola*. Roma: I Diritti della Scuola, fascículo 26, p. 407, 3 maggio 1925.
- CALÒ, Giovanni. Il Museo della scuola. *I Diritti della Scuola*. Roma: I Diritti della Scuola, fascículo 9, p. 133-134, 10 gennaio 1940.
- CALÒ, Giovanni. *Il Museo didattico Nazionale di Firenze*: relazione. Firenze: Stab. Tip. già Chiari Succ. C. Mori, 1934.
- CALÒ, Giovanni. Il Museo didattico nazionale. *Firenze: rassegna mensile del Comune*. Firenze: Comune di Firenze, fascículo 12, p. 175-179, 1936.
- CALÒ, Giovanni. Il Museo didattico nazionale. *I Diritti della Scuola*. Roma: I Diritti

- della Scuola, fascicolo 31, p. 484, 14 maggio 1933.
- CALÒ, Giovanni. Per un Museo didattico nazionale. *I Diritti della Scuola*. Roma: I Diritti della Scuola, fascicolo 39, p. 609-610, 15 settembre 1925.
- CALÒ, Giovanni. Presentazione. *Vita scolastica*. Firenze: Museo Didattico Nazionale, fascicolo 1, p. 4-6, 28 febbraio 1929.
- CHARNITZKY, Jürgen. *Fascismo e scuola. La politica scolastica del regime (1922-1943)*. Firenze: La Nuova Italia, 1994.
- CHIOSSO, Giorgio. Giovanni Calò e il realismo pedagogico tra gli anni Venti e Trenta (1923-1936). *Pedagogia e vita*. Brescia: La Scuola, fascicolo 4, p. 411-434, 1984-1985.
- COSSETTO, Milena. Il Museo della Scuola-Schulmuseum della Città di Bolzano. *Turris Babel*. Bolzano: Ordine degli architetti della Provincia di Bolzano, fascicolo 56, p. 34-41, 2002.
- COVATO, Carmela. Il Museo Storico della Didattica dell'Università degli Studi Roma Tre: dalle origini all'attualità. In: N. Siciliani de Cumis (ed.), *Antonio Labriola e la sua Università. Mostra documentaria per i settecento anni della "Sapienza" (1383-2003)*. Roma: Aracne, p. 290-297, 2005.
- D'ASCENZO, Mirella; VIGNOLI, Roberto. *Scuola, didattica e musei tra Otto e Novecento: il Museo didattico «Luigi Bombicci» di Bologna*. Bologna: CLUEB, 2008.
- DE ANGELIS, Daniela (ed.). *Bottai e la Mostra dell'Istruzione Tecnica del 1936-1937*. Roma: Gangemi, 2011.
- FAGNONI, Raffaello, La sistemazione edilizia a scopo di risanamento della zona di S. Croce. *Urbanistica*. Roma : Istituto nazionale di urbanistica, vol.V, fascicolo 3, p. 113, 1936.
- FANTOZZI MICALI, Osanna. *La città desiderata: Firenze come avrebbe potuto essere. Progetti dall'Ottocento alla Seconda guerra mondiale*. Firenze: Alinea, 1992.
- FERA, Saverio. Il Museo Nazionale della Scuola. *Firenze: rassegna mensile del Comune*. Firenze: Comune di Firenze, fascicolo 1-4, p. 71-76, 1940.
- GENTILI, Rino. *Giuseppe Bottai e la riforma fascista della scuola*. Firenze: La Nuova Italia, 1979.
- GOZZER, Giovanni. *Guida D. annuario della scuola e della cultura*. Roma-Firenze: Ed. Capriotti, 1951.
- LAENG, Mauro. Museo storico della didattica. In M. Barbanera, I. Venafro (eds.), *I musei dell'Università "La Sapienza"*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, p. 329-341, 1993.
- LEONI, Caterina, *Il Museo nazionale della scuola a Firenze: "macchina pedagogica" del Regime*, tesi di laurea, rel. C. De Benedictis, Università degli Studi di Firenze – Facoltà di Lettere e Filosofia, a.a. 2001-2002: 110-113.
- LISCIA BEMPORAD, Dora. *Giuseppe Bottai. Il mobilio degli anni giovanili*. Firenze: Edizioni S.P.E.S., 1999.
- Lo statuto del Museo Didattico Nazionale, 1930.*
- LOMBARDO RADICE, Giuseppe. Museo didattico nazionale. *Educazione Nazionale*. Roma: Società Tipografica Italiana, fascicolo 4, p. 52, 1925.
- MARASSINI, Paolo. "Una Facoltà improduttiva: Lettere tra cultura e politica", *L'Università degli Studi di Firenze, 1924-2004*, Firenze, Olschki, 2004, 49-164.
- MEDA, Juri. I «*Monumenta Italiae Paedagogica*» e la costruzione del canone pedagogico nazionale (1886-1956). Milano: FrancoAngeli, 2019.
- MEDA, Juri. Nascita e sviluppo dell'Istituto nel periodo fascista (1929-1943). In: GIORGI, Pamela (ed.). *Dal Museo nazionale della scuola all'INDIRE. Storia di un istituto al servizio della scuola italiana (1929-2009)*. Firenze: Giunti, p. 9-31, 2010.
- MEDA, Juri. Nazareno Padellaro. In: CHIOSSO, Giorgio; SANI Roberto (eds.).

Dizionario Biografico dell'Educazione. Vol. 2, Milano: Editrice Bibliografica, p. 266-267, 2013.

OREFICE, Gabriella. *Da Ponte Vecchio a S. Croce: piani di risanamento a Firenze*. Firenze: Alinea, 1992.

PALLA, Marco. *Firenze nel regime fascista (1929-1934)*. Firenze: Olschki, 1978.

PETRINI, Enzo. *Giovanni Calò: dal realismo spiritualista all'umanismo cristiano*. Firenze: Le Monnier, 1971.

PIZZIGONI, Francesca Davida. *Imparare a imparare attraverso il museo scolastico: tracce di nuove potenzialità di uno strumento didattico tardo-ottocentesco*. *Form@re: Open Journal per la formazione in rete*. Firenze: Firenze University Press, fascicolo 3, 142-158, 2015

SANZO, Alessandro. *Studi su Antonio Labriola e il Museo d'Istruzione e di Educazione*. Roma: , Edizioni Nuova Cultura, 2012.

SCAGLIA, Evelina. *Giovanni Calò nella pedagogia italiana del Novecento*. Brescia: La Scuola, 2013.

TAURO, Giacomo, *Della necessità di ricostituire in Italia il museo d'istruzione e di educazione*. Torino: Paravia, 1903.

Fontes arquivísticas

ASFG: Archivio storico della Fondazione «Giovanni Gentile» presso Dipartimento di Filosofia dell'Università di Roma «La Sapienza», Roma (Italia)

ASUF: Archivio storico dell'Università degli Studi di Firenze, Firenze (Italia)

Carta de Nicola Vacchellia Reitor da *Università di Firenze* de 4 de julho de 1927, ASUF, fascicolo 128/1927 "Museo Didattico Nazionale"

ASUF, filza 588, fascicolo 128/1929 "Museo Didattico Nazionale" e ASUF, edição 12N / 1941 "Pedido de instalações na rua Laura 48 - Palazzo della Crocetta"

Carta do Reitor da *Università di Firenze* a Giovanni Calò de 23 de setembro de 1927, ASUF, fascicolo 128/1927 "Museo Didattico Nazionale"

Carta do Reitor da *Università di Firenze* ao Presidente da R. Accademia d'Italia, 24 de fevereiro de 1935, ASUF, filza 653, fascicolo 128/1935 "Museo Didattico Nazionale"

Carta de Giovanni Calò a Giovanni Gentile de 20 de dezembro de 1936, ASFG, série I "Correspondência", subséries 2 "Cartas enviadas a Gentile", arquivo "Calò, Giovanni".

Carta do Reitor da *Università di Firenze* para o Departamento de Finanças de Florença em 23 de agosto de 1940, ASUF, fascicolo 12N/1941 "Pedido de instalações Ria Laura 48 - Palazzo della Crocetta"

Telegrama de 2 de outubro de 1940, ASUF, fascicolo 12N/1941 "Pedido de instalações na Rua Laura 48 - Palazzo della Crocetta"

Recebido em 31 de maio de 2019

Aprovado em 20 de agosto de 2019